



## COM AS BÊNÇÃOS DE LIBITINA, EIS A PROSA MORTÍFERA DE JORGE VENTURA

Luiz Otávio Oliani

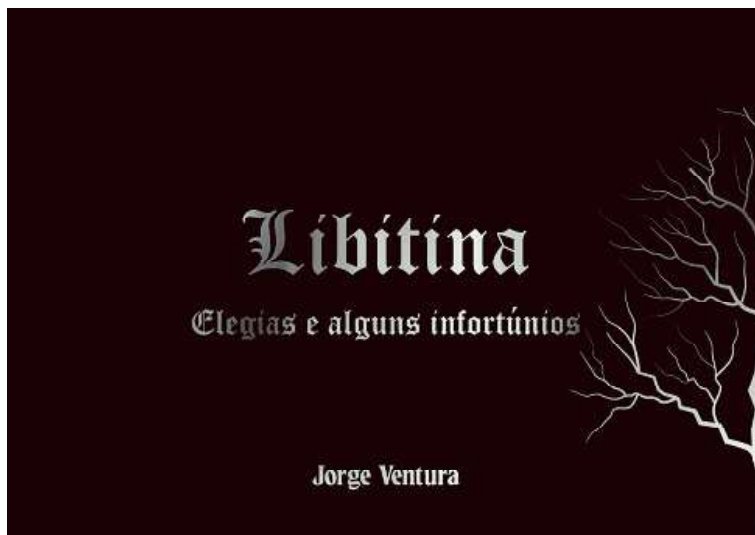
A literatura se alimenta de temas que conjugam o caráter universal e o atemporal, em todas as línguas do mundo.

A morte é um desses temas e, por si só, pode provocar (e provoca) desconforto nas pessoas, razão pela qual escritores ora lhe atribuem uma personificação em títulos de romances como “Memórias póstumas de Brás Cubas”, Machado de Assis e “A morte e a morte de Quincas Berro d’Água”, Jorge Amado, ou em “A morte de Ivan Ilich”, Lev Tolstói, isso para citar a literatura brasileira e a russa; ora o evento morte surge em abordagem interna em romances ou peças como é o caso de “Dona Flor e seus dois maridos”, também de Jorge Amado, ou em tragédias, sendo inevitável a presença do elemento supracitado como no final, em “Édipo Rei”, de Sófocles, ou “Hamlet”, de Shakespeare, quando o príncipe Hamlet quer vingar a morte paterna, ou no clássico “Romeu e Julieta”, quando amor dá lugar à tragédia, por meio de mais uma morte shakespeariana.

Quanto ao título do livro de Jorge Ventura, “Libitina: elegias e alguns infortúnios”, Rio de Janeiro, Ventura Editora, 2025, convém evocar, de acordo com o Dicionário de Mitologia Greco-Romana, de Tassilo Orpheu Spalding, Editora Itatiaia, Belo Horizonte, 1965, na página 157, Libitina é a “Deusa dos mortos” ou “Deusa dos Romanos que presidia os funerais.”

Já a palavra “elegia” se volta à cultura greco-latina, com menção à poesia acompanhada de música para um funeral ou lamento de morte.

Um “infortúnio” corresponde, portanto, à desdita, à infelicidade ou à desgraça que se abate sobre algo ou alguém.



Isto posto, sobre as orelhas da obra, Alexandre Brandão sintetiza: “Jorge Ventura, essa peça vivíssima da cultura brasileira, em especial da carioca, lança, neste pocket livro, seu olhar sobre a morte, mas sem contestar seu poder.”

Some-se a isso a concisão tão necessária a contos que se adequam à realidade contemporânea. Por serem textos breves, a leitura flui de forma agradabilíssima.

No prefácio à obra, Almir Zarfeg conta que o título decorre de inspiração na mitologia grega. Assim, os textos, classificados, ou como minicontos ou microcontos, trazem “narrativas recortadas da realidade”, sendo impossível ao leitor permanecer indiferente às elegias e aos infortúnios apresentados. Por isso, “tragicidade”, “horror latente”, “calafrio ou repulsa”, entre outros sentimentos.

Zarfeg enfatiza, ainda, o tratamento visual do livro, com páginas pares, em negro; e páginas ímpares brancas, num jogo de oposições todo valorizado pelas mãos de Waldez Duarte. Eis um “traba-

lho gráfico realizado com excelência.”

Sob o risco de se enfatizar o alto nível dos textos, a título de ilustração, seguem apenas dois deles. O primeiro está na página 15:

“Quando ele ia dormir, adorava ouvir o barulhinho do ventilador. Sentia-se voando dentro de um avião.

Numa madrugada, as hélices se despencaram do teto do quarto.

Seu sonho foi pelos ares.”

O segundo está na página 49:

“Filha de pais austeros. Não admitiam que ela fosse atriz, cantora e bailarina.

Cresceu com seus sonhos frustrados.

Sobreviveu às repressões.

Está viva.

Porém, morta por dentro.”

Morrer de rir, o olhar morto, o não ter onde cair morto, a morte com traços cômicos, ou de forma cruel, impiedosa, ou a morte de um

sentimento ou de um sonho pessoal ou uma vocação, a impossibilidade de evitar o próprio fim frente a um fatalidade, o estranhamento, a morte numa brincadeira infantil, a preparação para a despedida como num poema de Manuel Bandeira, há de tudo neste livro.

Jorge Ventura não passou indiferente a um episódio ocorrido com a morte assistida do poeta crítico, letrista e acadêmico Antonio Cícero, em 23 de outubro de 2024, em Zurique, Suíça. Dedicou-lhe um conto para homenagem póstuma a este grande vulto das letras.

Assim, em que pese um tema que possa ser tido como pesado, o autor imprimiu uma abordagem múltipla sobre a temática da morte, ao incorrer num aprofundado estudo deste campo semântico com inteligência e extrema criatividade.

**Luiz Otávio Oliani - Rio de Janeiro (RJ) - é professor e escritor. Atual Diretor de Comunicação Social da Associação Profissional de Poetas no Estado do Rio de Janeiro (APPERJ). Com intensa produção intelectual, publicou 25 livros, incluindo poesia, conto, crônica, teatro, literatura infantojuvenil, crítica literária e ensaios. Em 2024, publicou, pela Editora Penalux, “Vozes, discursos e papiros: alguma crítica”. Em 2025, lançou “Eu me sinto um criminoso e outras crônicas” pela Ventura Editora. Recebeu o Prêmio Arte em Movimento 2022 e 2025 pelo trabalho literário realizado.**





## Palestina Livre: do Rio ao Mar

## ESTÁ CONFORME, SEU LIBERATO



Rosani, Maria de Fátima da Silva, diretor Antônio Neto e Carlos Publiesi.

Rosani Abou Adal participou do *Sons da Democracia* do Sindicato dos Bancários, com o tema "Palestina Livre: do Rio ao Mar", no dia 31 de outubro, na sede do Sindicato dos Bancários de São Paulo, Osasco e Região, Rua São Bento, 413, em São Paulo.

O evento abrigou performance poética de Rosani Abou Adal que também lançou o livro *Canto do*

*Alaúde* e a apresentação do Coral Palestinando que cantou canções de luta e solidariedade.

Lúcia Skromov realizou intervenção artística com um painel interativo para o público pintar.

Carlos Mahlunço apresentou músicas de sua autoria e o Hino Sindical (do livro *Sonho Ilusório*) com letra de Rosani Abou Adal e música de Carlos Mahlunço.

**Assinatura Anual: R\$ 160,00**  
**Semestral: R\$ 80,00**

**Banco do Brasil:** Conta 19081-0 - agência 0719-6 -

**Banco Bradesco:** agência 0165 - conta 0013923-8

**PIX:** [rosani@linguagemviva.com.br](mailto:rosani@linguagemviva.com.br)

Enviar comprovante e endereço para

[linguagemviva@linguagemviva.com.br](mailto:linguagemviva@linguagemviva.com.br)

**Celular e Whatsapp.: (11) 97358-6255**

**LINGUAGEM VIVA**

**Periodicidade:** mensal - [www.linguagemviva.com.br](http://www.linguagemviva.com.br)

**Editores:** Adriano Nogueira (1928 - 2004) e Rosani Abou Adal  
Rua Herval, 902 - São Paulo - SP - 03062-000

**Contato:** Whatsapp (11) 97358-6255 -

[linguagemviva@linguagemviva.com.br](mailto:linguagemviva@linguagemviva.com.br)

**Assinatura anual R\$ 160,00 e semestral R\$ 80,00**

**Distribuição:** Encarte em *A Tribuna Piracicabana*, distribuído a assinantes, bibliotecas, livrarias, entidades, escritores e faculdades.

**Impressão:** *A Tribuna Piracicabana* - Tel.: (19) 2105-8555

Rua Tiradentes, 1111 - Piracicaba - SP - 13400-765.

**Selos e logo de Xavier** - [www.xavierdelima1.wix.com/xavi](http://www.xavierdelima1.wix.com/xavi)

**Artigos e poemas assinados são de responsabilidade dos autores.**

**O conteúdo dos anúncios é de responsabilidade das empresas.**

**Edmilson Caminha**

**F**az algum tempo, afirmi: "*Dona Purcina, a matriarca dos loucos* (Teresina : Oficina da Palavra, 2012) é dos livros mais comoventes que já li. Cineas Santos o escreveu como filho dedicado e amoroso, mas também como o admirável cronista, o grande poeta que todos festejamos. Nas mãos de um escritor menor, a vida e a doença da mãe virariam texto piegas e melodramático, pois, segundo André Gide, é com bons sentimentos que se faz má literatura. Prosador brilhante, Cineas torna a figura materna personagem de vigor literário incomum, digna da Rachel de Queiroz de *O Quinze*, ou do Graciliano Ramos de *Vidas secas*, para lembrar apenas dois mestres do romance nordestino".

É o que agora repito, sem nada pôr nem tirar, sobre *Um homem exato*, memória com que Cineas faz reviver a figura do pai. Ao lembrar-lhe a morte, em 1984, apresenta-o completo, com a perfeição e a força que, falássemos de pintura, diríamos criação de Portinari:

Às quatro da manhã do dia 1º de maio, com muito sacrifício, levantou a cabeça e afirmou: "Dezinha, o Cineso deve estar chegando". E calou-se. Terminava ali a trajetória de Liberato Francisco dos Santos, um sertanejo atípico: não fazia versos, não tocava viola, não bebia cachaça, não contava vantagens, não queimava a terra, não caçava, não pescava, não maltratava os animais, não castigava os filhos e não mentia. Trabalhava muito, comia pouco, dormia o bastante. Um homem sem transbordamentos. Um homem que cabia em si. Homem exato.

O nome do filho, incomum, fora dado pela mãe, de pronúncia difícil na boca do cidadão de poucas letras – era o "Cineso", ou "Santo", para descomplicar. Ao trazê-los do passado, o memorialista desce ao fundo de si mesmo para resgatar o menino que foi na pobreza do Caracol, interior do Piauí, com o baú de esperanças e de sonhos que carregaria para sempre. Nesse retorno, presta a homenagem a que têm direito

Dona Purcina e Seu Liberato, exemplos de grandeza e de sabedoria humana. Dos dois, Cineas recebeu a lição de dignidade que o sustentou na luta, salvando-o da pequenez a que se condenava no sertão para se fazer intelectual de renome, escritor de primeira. Ficou-lhe, do pai, a lembrança do que verdadeiramente importa na condição humana, traços físicos, atitudes e dizeres que jamais se esquecem:

Seu Liberato era um homem corpulento, quase albino, feio. Não de uma feiura acintosa. Era lento nos gestos, mas firme. Era um homem de alegrias e tristezas brandas: nunca o vi eufórico nem colérico. Era morigerado, para usar um adjetivo de que ninguém se lembra mais. As chuvas brandas o alegravam. Acendia um cigarro e ficava pitando e esfregando as mãos. Às vezes se levantava, olhava a chuva e afirmava para ninguém: "É geral". Entendíamos: estava chovendo no mundo inteiro. O maior elogio que concedia a qualquer coisa era "está conforme".

Parece, mesmo, personagem de Graciliano, mas, agora me dou conta, menos por si mesmo do que pela descrição que lhe faz o filho. Cineas Santos escreve, como vemos, com a maestria e o rigor do alagoano: texto irretocável, prosa enxuta, seca, precisa, só pele e osso, com a magreza das cabras que tão bem simbolizam o meio e a gente do nosso Nordeste.

Aos 81 anos de uma vida estoica como a dos patriarcas bíblicos, Seu Liberato morreu cego. Imagino-o deitado na rede em que finalmente descansou da luta, alguém a ler o que sobre ele escreve o filho em *Um homem exato*. Diria, então, como o elogio maior capaz de fazer a Cineas Santos: "Está conforme".

**Edmilson Caminha - Brasília (DF) - Jornalista, professor de língua portuguesa e literatura brasileira, consultor legislativo da Câmara dos Deputados e membro da Associação Nacional de Escritores.**





## POEMAS DOLORIDOS

Cesar Augusto de Carvalho

Às vezes, ler poesia é doloroso. As palavras nos penetram e vivenciamos os sentimentos do poeta. Essa experiência é ainda mais intensa quando o tema nos é sensível, como é, no caso, o genocídio do povo palestino.

As imagens que vejo nos jornais e nas redes sociais muito me abalam. Diante da maldade humana, sinto-me impotente. E, pior, essas imagens banalizaram-se. A violência tornou-se natural. Quer coisa mais banal do que assistir imagens de crianças, mulheres e idosos serem assassinados por explosões e fome?

Uma das respostas a essa banalização encontrei no livro de Rosani Abou Adal, "Canto do Alaúde".

Utilizando-se de inúmeras figuras de linguagem, metáforas, aliterações metonímias e que tais, Rosani constrói poemas como este:

*Criança órfã  
a ermo no deserto  
de sangue e fel  
sem ajuda humanitária  
sem pão água e afeto.*

Neste poema tudo está perdido, viver no "deserto de sangue e fel" parece ser inevitável. Em outro poema a poeta nos acende uma luz de esperança:

*Não atirem mais bombas  
e mísseis  
Joguem sementes para que  
Seus frutos e grãos brotem.  
Façam a guerra dos grãos  
Para matar a fome das crianças  
E de todos os seres da Terra.*

Nos poemas de "Canto do Alaúde" a maldade despe-se de sua normalidade e se revela como é, maldade, exercida sem compaixão pelos opressores. Enquanto ela se desnuda, luzes aparecem no fim do túnel indicando ser pos-

### Canto do Alaúde



Rosani Abou Adal

sível a recuperação de nossa humanidade.

Praticando seu ofício, a poeta em "Canto do Alaúde" opera as palavras e as transforma em potência, materializando as imagens de amor e dor comuns ao ser humano.



**Cesar Augusto de Carvalho - São Paulo (SP) - é escritor e professor de Sociologia aposentado pela Universidade Estadual de Londrina. Criou, com Hamilton Faria, o Canal do Poetariado, programa de entrevistas com poetas levado ao ar pelo YouTube e Facebook. Publicou Viagem ao Mundo Alternativo, Folhetim, Proesia, entre outros.**

## Troféu Arte em Movimento da APPERJ



Jorge Ventura, Rosani Abou Adal e Val Mello.

A Associação Profissional de Poetas no Estado do Rio de Janeiro realizou o evento de entrega da 11ª edição do Troféu Arte em Movimento 2025, no dia 5 de novembro, na Taberna da Glória, no Rio de Janeiro a 80 profissionais de destaque na Cultura.

A solenidade de entrega do prêmio foi apresentada pelo presidente da APPERJ Jorge Ventura e pela diretora apperjiana de mídia digital Val Mello.

Estiveram presentes cerca de 120 pessoas e o idealizador do Prêmio, o artista plástico Zép.

O evento contou com a participação de artistas inclusivos que fazem parte do Movimento *É Nós na Fita!* que são liderados por Cheila

Felton e Valdir Lopes.

Foram contemplados atores, dramaturgos, cantores, músicos e compositores, poetas, escritores, jornalistas, produtores culturais, influencers, arquitetos, artesãos, terapeutas e artistas plásticos que receberam o Troféu Arte em Movimento e certificado.

Em Literatura foram agraciados Amalri Nascimento, Arolda Maria Figuerêdo, Athylla Borborema, Carlos Fernando Galvão, Christiane Ferreguett, Chris Herrmann, Dei Ribas, Diogo Oliveira, Jorge Ventura, Luiz Otávio Oliani, Márcio Catunda, Nina Fernandes, Paulo Chacon, Raimundo Magalhães, Renata Quiroga, Rosani Abou Adal e Van Furlanetti.

## Sebo Brandão São Paulo

**Compra e venda de livros usados em todo o território nacional. Fazemos encadernações.**

**Rua Conde do Pinhal, 92 - ao lado do Fórum João Mendes**

**Tels.: (11) 3214-3325 - 3214-3647 - 3214-3646 - sebobrandaosp@gmail.com - Face: Sebo Brandão São Paulo https://www.estantevirtual.com.br/brandaojr**



# “A Academia Cornófila de Letras”

**Gabriel Kwak**

“António Paixão, o poeta luso-brasileiro adepto do ócio criativo e amante do vinho, volta à carga, juntamente com seus heterônimos, em ‘O Banquete do Paixão’. Todos têm veia literária e são cidadãos progressistas, antirreacionários e pândegos. Também atletas de Baco. A obra encerra uma análise “cornográfica” da infidelidade na história da literatura, abordada por tantos e tão abrangentes ângulos. Paixão, o Bardo do Bixiga, conduz o debate “cornológico” do simpósio em rica companhia, com estu-penda erudição literária: que colóquios maravilhosos! É chifre para todos os lados! O corno na Antiguidade, Idade Média, na Renascença, na literatura francesa, portuguesa, latino-americana e brasileira... é um périplo e tanto, mas não deixa de ser um compêndio sobre amar.

O Frei Totó Molisano *OP*, ao conferir o selo da sacralidade e da temperança a esta confraria brancaleônica, revela-se um grande “cornólogo” e equilibra o lado sacana de Paixão e do irmão, Beppe, o pedreiro e cantor bissexto, que enfeitou a cabeça de um integrante da Camorra. O bardo inglês, Tony Malvern, queridinho dos *faria limers*, pena de aluguel, traz uma dose de cinismo à narrativa. O professor chinês, Yuse Fajin diverte ao professar “o culto marxista de mercado”. A graça do personagem camareiro alagoano, Zé Renildo Arapiraca, nos apresenta a beleza da literatura “cornográfica” nordestina, inclusive em cordel.

O enredo da obra se enriquece de uma intertextualidade robusta, com certeza erudita. Não há página do livro na qual a gente não aprenda, como se estivéssemos diante de um escrito do nunca assaz lembrado Umberto Eco. Este aprendizado nos é instilado mesmo em páginas que destilam a riquíssima sabedoria popular! O ‘*Banquete do Paixão*’ me lembrou um *vaudeville*: é deambulatório, um mosaico, passeia por emoções, lembranças, vivências, sensações,



concatenado com engenhosidade num repertório onomástico, metalinguístico, imaginário, com gosto de genial colagem de experiências.

Penso jamais haver visto esta categoria de ser humano abordada por tantos e tão abrangentes ângulos. O livro, escrito num estilo que alicia, porque é clássico e, ao mesmo tempo moderno, tem um alcance fáustico. A polifonia que tece o seu enredo se enriquece de uma intertextualidade robusta, digna de nota, com certeza erudita. Não há página do livro em que não se aprenda, como se estivéssemos numa obra do nunca assaz lembrado Umberto Eco. Este aprendizado nos é instilado mesmo em páginas que destilam a riquíssima sabedoria popular!

Por José Luís Rey, escritor, jornalista e crítico literário:

“*Paixão: o corno na história da literatura*”

“António Paixão, o premiado pensador, escritor e jornalista luso-brasileiro, acaba de acrescentar às suas realizações em benefício da cultura mundial o feito de reunir num simpósio 10 intelectuais com a finalidade de corrigir uma omissão de Platão, registrada há 23 séculos. De fato, Platão tratou das diferentes formas de amor, mas não dedicou uma única migalha às variáveis do que, no Brasil de hoje,

chamaríamos de “amor cornófilo”, ou coisa parecida. Os convivas do ‘*Banquete do Paixão*’ assumiram a tarefa de trazer à luz as omissões cometidas pelo filósofo grego no que se refere à “cultura cornográfica” ou “cornocultura”.

Dentre os convidados estão algumas pessoas, heterônimos ou não do Dr. Noronha, maravilhosamente existentes tão somente no âmbito da ficção e outras, miseravelmente inseridas na realidade, para além dos nefelibatas, alheios a ambas categorias. Tal grupo forma, na visão do António Paixão, uma combinação anômala, insólita e excêntrica de intelectuais, com a tarefa de trazer à luz as omissões cometidas no banquete de Platão, no que se refere à cultura literária, digamos, “cornográfica” percebida pela sociedade atual.

Pois sucede que os comensais de Paixão fartaram-se de referências existencialistas em torno da “cornofilia”, beberam nos cálices da literatura clássica, medieval, renascentista e modernista, aperitiveram na sabedoria chinesa, serviram-se da literatura italiana e francesa e, por fim, sorveram as delícias da literatura brasileira, latino-americana, portuguesa e inglesa, fechando um compêndio que marcará uma época. Sua análise impressiona, senão pela multiplicidade de casos mencionados, pelo

perfil dos envolvidos em diferentes épocas e lugares. Ademais, Paixão é um reconhecido mestre no trato do texto com sabor, ironia fina e humor latente.

O recurso à vertente “cornográfica”, suas interações com expressões tais como “chifrudo”, “cornudo”, “galhada”, “corno manso”, “corno nato”, “corno putativo” e outras da mesma estirpe, passam longe da intenção do Autor do desrespeito ofensivo e de uma chacota gratuita. Trata-se, na verdade, de um pretexto inteligentemente engendrado com a finalidade de atrair o interesse dos leitores para um levantamento muito abrangente e seríssimo sobre a história literária internacional, ou uma verdadeira combinação do rigor da aula de literatura com a gaiatice do jeito brasileiro de ser. É para ler e gozar, não necessariamente nesta ordem”.

**Gabriel Kwak - São Paulo (SP)**  
- é jornalista, escritor, historiador e membro da Associação Paulista dos Críticos de Arte e da Academia de Letras de Campos do Jordão.



Canto do Alaúde



Rosani Abou Adal

**Canto do Alaúde**  
poemas de **Rosani Abou Adal**  
capa de **Janna Adal**  
prefácio de **Ronaldo Cagiano**

**Está à venda na Estante Virtual**  
**Livraria Unesp - Praça da Sé, 108**  
- (11) 3107-2623  
**Sebo Angelo Agostini - Galeria Nova Barão - Loja 63**  
- **Rua Barão de Itapetininga, 37 - (11) 99686-4895**

**Pedidos pelo WhatsApp (11) 97358-6255**



# PICASSO NA CASA DE GERTRUDE STEIN

Raquel Naveira

Imagino a célebre casa da escritora, poeta, colecionadora de arte, Gertrude Stein (1874-1946), na rua de Fleurus, 27, no bairro de Montparnasse, margem esquerda do rio Sena, em Paris. Era ali que ela morava com sua companheira de vida, Alice B. Toklas, formando um casal de relacionamento discreto e estável. Permaneceram juntas por quarenta anos, até a morte de Gertrude. A casa tornou-se ponto de encontro de artistas e escritores como Pablo Picasso, Henri Matisse, Ernest Hemingway, F. Scott Fitzgerald, Ezra Pound e outros. Foi um dos principais cenários do nostálgico filme de Woody Allen, "Meia-Noite em Paris" (2011), onde aparecem Gertrude Stein e seu círculo de convidados intelectuais como personagens reais. "O passado sempre parece mais perfeito", diria Gertrude com sua inteligência, autoridade, mistura de humor e severidade.

Entro na enorme sala que se abre depois de uma escada em caracol. Observo atrás de uma pilastra a elite cultural presente, quando entra o impetuoso espanhol Pablo Picasso (1881-1973). Fala mal o francês, mas todos se entendem. Picasso é pura potência e energia. Gertrude lhe dá especial atenção: reconhece nele o revolucionário, o amigo íntimo, aquele que rompeu as regras na pintura com o cubismo, assim como ela trouxe o experimentalismo, um estilo livre e moderno para a literatura. Sua expressão repetitiva, quase gaguejante ("Uma rosa é uma rosa é uma rosa"), narrando os fatos ao fluxo da consciência, com alta voltagem poética. Sim, ela e Picasso eram dois gênios, é o que pensava, enquanto se aproximava dele fechando o xale com as mãos grossas.

Fui repassando um roteiro em minha mente, enquanto lia "Autobiografia de Todo Mundo". Escrito por Gertrude, em primeira pessoa, refletindo o que aconteceu com ela depois da fama, do sucesso do livro anterior, "Autobiografia por Alice B. Toklas", na voz de Alice, conjunto de memórias e crônicas culturais da Paris modernistas.

A amizade com Picasso passara de uma fase eufórica, de uma li-



Gertrude Stein em seu estúdio em Paris

gação criativa e simbiótica, para um distanciamento frio. As vanguardas haviam mudado, cada um seguira um caminho diferente. A relação se dissolveu com o tempo e as transformações de um mundo entre duas guerras. Gertrude expõe que Picasso era um homem de temperamento forte, difícil, que se afastou das pessoas. A admiração permaneceu, mas a constatação da genialidade de ambos era agora uma antiga lembrança.

Gertrude compreendeu como ninguém que Picasso estava criando uma realidade nova, não mais uma imitação da natureza. Foi a primeira grande crítica a abraçar o cubismo. Para ajudá-lo, ela e seu irmão, Leo, adquiriram vários quadros de Picasso. Picasso pintou o seu retrato. Justo ele que não gostava de modelos. No quadro, ela está sentada, as feições angulosas, masculinizadas, num traje sóbrio e marrom. Picasso captara sua essência.

Grande foi o impacto de Gertrude ao ver o quadro "Les Démoiselles d'Avignon", "As Senhoritas d'Avignon", no ateliê de Picasso. Ficou impressionada, perturbada. Escreveu: "Depois que ele terminou aquele grande quadro, nada mais foi o mesmo. Ele havia quebrado tudo o que existia na pintura." Um divisor de águas. Uma obra-símbolo. Um rompimento com a tradição da pintura ocidental. Mas Gertrude não quis comprá-lo. Considerou a obra "difícil demais até para os modernos". Para Leo Stein o quadro

era chocante, repulsivo, "um monstro". Sobre esse quadro, escrevi o poema:

São prostitutas  
Essas senhoritas  
Expostas  
No bordel da vida;  
Nos seus rostos malformados,  
Ferozes,  
Há indecorosas propostas  
E em suas pernas abertas  
Um convite  
Ao labirinto,  
À luta com fantasmas.

Ficam ali na tela:  
Paradas,  
Plácidas,  
Paralisantes,  
Grudam em nós  
Atraindo  
Até a servidão completa.

Diante dessas prostitutas,  
Senhoritas,  
Não há respostas,  
Apenas perguntas,  
Arrepios de medo,  
Necessidade de dominar,  
Distorcer com força selvagem  
E potência artística  
O mistério da mulher.

Essas prostitutas,  
Senhoritas,  
Impactam,  
Sobressaltam,  
Reinam absolutas,  
Mar feminino  
De placentas e miasmas.

Essas prostitutas,  
Senhoritas,  
Sugam treva,  
Lama,  
Força bruta  
Para dentro de seus peitos  
Que se oferecem como frutas  
E de seus buchos negros  
De entranhas ocultas.

Picasso,  
Touro de energia despótica,  
Refocilou sobre esses corpos,  
Com espanto e terror;  
Depois, insatisfeito,  
Entre desejo e dor,  
Inovou a pulsão erótica  
Dessas senhoritas,  
Dessas prostitutas  
Supremas e enxutas.


Fecho as páginas do livro "Autobiografia de Todo Mundo". Eu sou todo mundo. Sou um ser, uma alma de artista. Medito, enquanto desço as escadas em caracol da casa de Gertrude Stein.

Raquel Naveira - São Paulo (SP) - é escritora e poeta. Membro da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, da Academia de Ciências de Lisboa e da Academia Cristã de Letras de São Paulo.



 Ventura 10 anos Editora

<https://www.lojaventuraeditora.com.br/>  
<https://www.facebook.com/venturaeditora>  
venturaeditora.editor@gmail.com

 (21) 99962-6653 e (21) 99974-8655



## Aquele córrego

Ada Luz

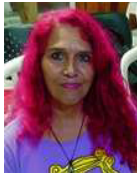
Apenas um córrego entre flores  
Distância de um passo  
E todo um habitat a manter  
Passarinhos vários  
E tantos outros animais  
...antigos moradores ainda recordam...  
Não havia entulho e nem barulho...

Apenas um córrego entre flores...  
Por muito tempo...  
Crise econômica  
Falta de planejamento urbano  
Levou pessoas  
a morar em seu entorno

Apenas um córrego entre flores  
Ausência de infraestrutura  
Descarte de esgoto  
Levou a morte da fauna e flora

Era uma vez um córrego entre flores...  
Agora não mais córrego,  
Apenas contaminantes  
Não mais flores  
Apenas lixo e entulho...  
E uma atmosfera nauseante...  
Para se conviver...

**Ada Luz - São Paulo (SP) - é escritora, poeta, cantora, professora e a idealizadora e coordenadora geral do Coletivo Cultural Vórtice Plural.**



o joão-de-barro  
não sabe  
como me faz bem  
a sua companhia

vive minhocando  
o meu jardim  
enfeitando a grama  
com a sua elegância

a vida pode ser isso  
e muito mais  
um pássaro dois passos  
à frente outro atrás



**Dinivaldo Gilioli - Florianópolis (SC) - é escritor e poeta. Ex-dirigente do Sinergia - Florianópolis (SC).**

## Final feliz

Rosana Venturini

Eu matei.  
E enterrei,  
meu coração.  
Antes mesmo.  
Que me apunhalassem  
pelas costas,  
com flores secas.  
Aqueles...  
Que costumam usar,  
pra jogar  
em leitos de morte.

**Rosana Venturini - São Paulo (SP) - é escritora, poeta e autora do livro de poemas *Tem mar revolto nos meus olhos*.**



## Haicais

Zuleika dos Reis

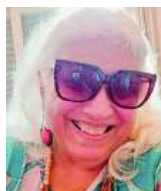
Da página aberta  
salta uma pétala seca.  
Primavera antiga...

Primavera fria.  
Aquece a tarde cinzenta  
um pássaro anônimo.

As pipas se tocam.  
A algazarra dos meninos  
prossegue comigo.

Um dia exaustivo.  
Da varanda contemplamos  
a lua vernal.

Bonança vernal.  
Um navio no horizonte  
do mar de marola.



**Zuleika dos Reis - São Paulo - é escritora, poeta e professora de Língua Portuguesa formada pela Universidade de São Paulo.**

## PSIQUIATRIA, URGENTE

Ao amigo Agamenon Honório

Márcio Catunda

Se eu fosse eleito, mandaria instalar  
um psiquiatra em cada esquina.  
O bar, o barbeiro e o bárbaro  
são necessários.  
O psiquiatra é essencial.  
O manicômio é o primeiro motor.  
A embriaguez é o paliativo.  
A loucura, o placebo.  
A luz das tabernas é furtada do fósforo pelo vento.  
O manicômio é um opus infinitum,  
levantado do chão e fixado nas constelações.  
Fiat lux, Deus falou no primeiro dia,  
e assim se fez a farmácia.  
Só no sétimo dia,  
Ele descansou  
pra ver o jogo do Fluminense.  
Tudo é veneno.  
A psiquiatria é o antídoto.

**Márcio Catunda - Rio de Janeiro (RJ) - é escritor, ensaísta, romancista e diplomata. Membro da Associação Nacional de Escritores, do Pen Clube do Brasil e da Academia de Letras do Brasil.**



## Sitiados

Isabel Furini

imagens obsessivas avançam  
até os confins do medo

tememos que as cobras esculpam  
nos espelhos  
rostos macabros  
e bocas que denunciem nossas culpas

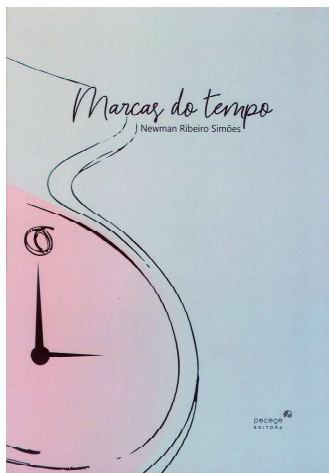
vítimas da estagnação  
permanecemos imóveis  
sitiados pelos fantasmas do passado  
e alfinetados pela solidão

**Isabel Furini - Curitiba (PR) - é escritora e educadora. Autora de Os Corvos de Van Gogh (poemas). Criadora do Projeto Poetizar o Mundo. Foi nomeada Embaixadora da Palavra pela Fundação César Egido Serrano (Espanha, 2017).**





## Livros



**Marcas do Tempo**, poemas de Newman Ribeiro Simões, Pecege Editora, Piracicaba (SP), 105 páginas. ISBN: 978-65-5341-000-8.

A capa, ilustrações e imagens são de Ana Paula Mendes Vidal de Negreiros.

O autor é escritor, professor, engenheiro agrônomo e Mestre em Estatística pela ESALQU-USP. Exerceu cargos públicos nas secretarias municipais de Administração e Cultura.

Segundo Graciema Pires Therezo, "Marcas do Tempo traz as tantas trilhas vividas pelas vidas já tão idas dos que caminharam antes, muito antes pelas rotas de estrelas andarilhas."

**Newman Ribeiro Simões:** [newmansimoes@uol.com.br](mailto:newmansimoes@uol.com.br)

**Tudo é nuvem**, poesia infanto-juvenil, de Lucinda Persona, ilustrado por Ruth Albernaz, Entrelinhas Editora, Cuiabá-MT, 32 páginas.

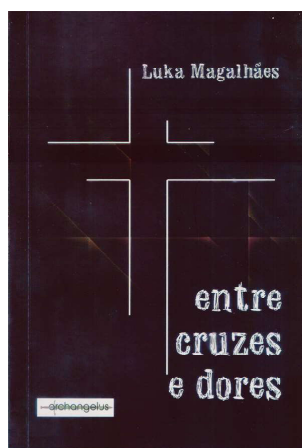
ISBN: 978-85-7992-204-6.

A autora é bióloga, professora, poeta, cronista e membro da Academia Mato-grossense de Letras.

A ilustradora é bióloga, educadora, doutora em biodiversidade e artista visual.

A obra reúne poemas de fluxo breve, trabalhando o efeito e o encantamento produzido pela presença e contemplação das nuvens, essas protagonistas mutantes, com suas formações e transformações intermináveis acontecendo nos palcos suspensos da atmosfera.

**Entrelinhas Editora:** <https://entrelinhaseditora.com.br/>



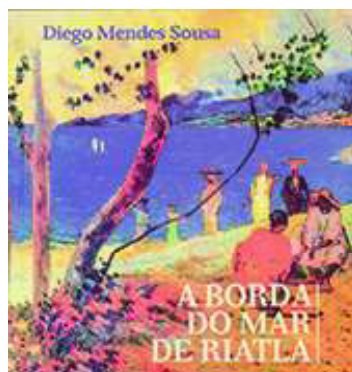
**Entre cruzes e dores**, poemas e contos de Luka Magalhães, Edições Archangelus, São Paulo, 135 páginas. ISBN: 978-85-850-59-18-7.

O autor é escritor, fotógrafo, ator, diretor de teatro, editor, analista de sistema e pós-graduado em Planejamento de Educação à Distância pela Universidade Federal Fluminense.

Segundo a poeta e bibliotecária Maria Gorete, "Em Entre cruzes e dores, o autor nos ensina que cada momento de dor é também um momento rico de aprendizado e que devemos extrair dele o antídoto necessário para que a alegria volte a reinar em nossas vidas, ainda que seja por alguns breves momentos. Luka Magalhães compreende e sintetiza muito bem essa verdade com o seguinte verso:

*Toda Tristeza / Deve ser / Menor / Que uma / Alegria."*

**Edições Archangelus:** (11) 99861-9450.



**A Borda do Mar de Rialta**, de Diego Mendes Souza, Luiz Ayrton Santos Junior Editor, Parnaíba (PI), 67 páginas.

Obra realizada com o apoio cultural da Brigada Mandu Ladino Índios e Vaqueiros. Ilustrações de Paulo Gauguin.

ISBN: 978-85-54245-90-0.

O autor é escritor, poeta, jornalista, empresário, documentarista, roteirista, promotor cultural e blogueiro literário. Membro da Academia Carioca de Letras e da Associação Nacional de Escritores.

Segundo a Doutora em Literatura Ana Arguelho, "Como Manoel de Barros, este poeta caminha na linhagem dos transgressores da língua, do verso, da métrica, da palavra, que a transgressão é um dos mais fortes assinalamentos de que algo novo, inusitado, inaugural, está em curso. Todavia, diferente de Manoel de Barros, Diego Mendes Sousa imprime uma carga poética de altíssima densidade lírica às suas transgressões, no atravessar de suas fronteiras linguísticas e estéticas."

**Diego Mendes Sousa:** [diego\\_mendes\\_sousa@hotmail.com](mailto:diego_mendes_sousa@hotmail.com)

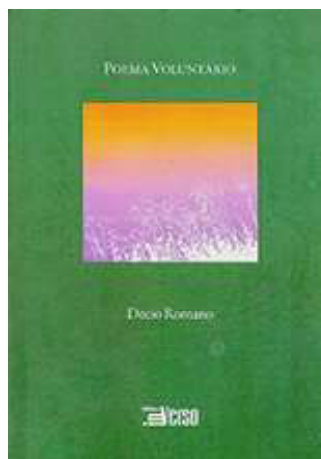
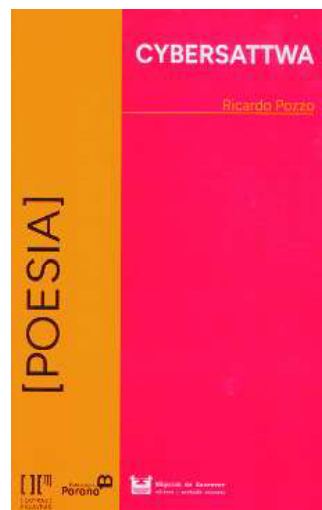
**Cybersattwa**, poemas de Ricardo Pozzo, Máquina de Escrever Editora Produção Cultural, 65 páginas, Curitiba (PR). ISBN: 978-65-87517-81-0.

O autor, nascido na Argentina e radicado em Curitiba (PR), é escritor, tradutor, músico, fotógrafo, produtor cultural e curador do projeto Vox Urbe da websérie Pássaros Ruins. Integrou o coletivo Pó&Teias. Autor dos livros de poemas *Urbe Fagocito Z*, *Alvéolos de Petit Pavê* e *Cidade Industrial*.

O projeto do livro foi aprovado pela Secretaria de Estado da Cultura do Governo do Paraná com recursos da Lei Paulo Gustavo do Ministério da Cultura do Governo Federal.

A obra é um retalho de poemas e pseudoensaios.

**Editora Máquina de Escrever:** [www.editoramaquinede escrever.com.br/](http://www.editoramaquinede escrever.com.br/)



**Poema Voluntário**, de Décio Romano, Editora In Verso, 124 páginas, Curitiba (PR).

ISBN: 978-85-62266-67-6.

O autor é escritor, poeta, funcionário público, compositor, jornalista e fotógrafo. Autor do livro de poemas *Cerquilha de Poemas*.

Segundo Isabel Furini, "Entendemos que são metáforas fortes, não usuais, do cunho do poeta, fruto do seu singular olhar. Metáforas de profunda beleza e sensibilidade." "Surgem então poemas de diferentes décadas, de diferentes etapas de sua vida, do soneto ao haikai, seguindo livremente os movimentos de sua alma."

**Editora In Verso:** [www.editorainverso.com.br](http://www.editorainverso.com.br)



# Notícias



Maria de Lourdes Alba na Feira de Frankfurt

**Maria de Lourdes Alba**, escritora, poeta e jornalista, participou do sarau da APEXBrasil e Câmara Brasileira do Livro, na Feira Internacional do Livro de Frankfurt – Alemanha, no dia 18 de outubro. Tomou posse como membro da Academia Literária, Arte e Cultura da Romênia. No Liceu Eugen, em parceria com Instituto Guimarães Rosa e Literarte, falou para os alunos sobre poesia e literatura. O evento, realizado no dia 22 de outubro, em Bucareste, contou com a presença do Embaixador do Brasil na Romênia Ricardo Guerra.

**Maria de Lourdes Alba** lançará o livro de poemas *Carol* no dia 12 de novembro, quarta, das 10h30 às 12 horas, no Centro Cultural – Unidade CBI da Associação do Funcionário Público do Estado de São Paulo, Rua Formosa, 367, 16º andar, em São Paulo.

**Nelson Tangerini** lançou *Nestor Tangerini e o Café Paris: Niterói, anos 1920* no dia 5 de novembro na Biblioteca Central do Gragoatá em parceria com Centro de Memória Fluminense.

**Leonardo Affonso de Miranda Pereira**, historiador e professor da PUC-Rio, com o projeto de biografia do repórter e cronista Francisco Guimarães (1875 - 1946), foi agraciado com o 4º Prêmio Toda-via de Não Ficção.

O Prêmio Nacional de Literatura Infantil Bem-Te-Vi laureou a história *A ponte inaugurada num sábado de chuva*, de João Victor Nepomuceno de Oliveira.

**Nelson Marzullo Tangerini**, neto da atriz de teatro e cinema Antônia Marzullo, lançará o livro biográfico *Antônia Marzullo, a atriz que falava com os olhos*, pela Editora Autografia, sobre sua avó Antônia que era mãe da atriz Dionorah Marzullo e também avó das atrizes Marília e Sandra Pêra.

**Cléo Busatto** lançou a coletânea de micro e minicontos *Inter-valos* pela Editora CLB Produções.

**Jussara Santos**, doutora em Educação e relações étnico-raciais, lança *Democratização do colo: Educação antirracista para e com bebês e crianças pequenas*, no dia 8 de novembro, na Livraria das Perdizes, Rua Bartira, 317, em São Paulo.

A 27ª Festa do Livro da USP será realizada de 26 a 30 de novembro, na Av. Prof. Mello Moraes, travessa C, na Cidade Universitária, em São Paulo.

**Obra completa de Ricardo Reis**, do heterônimo de Fernando Pessoa, foi lançada pela Editora Tinta-da-China Brasil. Organizada por Jerônimo Pizarro e Jorge Uribe, a obra abriga imagens dos manuscritos e toda a poesia e prosa do heterônimo de Pessoa com inéditos, variantes e grafia original.

**Ruy Castro**, jornalista, escritor e membro da Academia Brasileira de Letras, foi agraciado com o Prêmio Jabuti 2025, na categoria Livro do Ano, com o livro *O Ouvridor do Brasil: 99 vezes Tom Jobim*.

**Patrícia Gonçalves Tenório**, escritora e doutora em Escrita Criativa, lançou a coletânea bilingue *Estudos em Escrita Criativa no Brasil 2025 – Escritores Brasileiros em Paris / Études en Écriture Créative au Brésil 2025 – Écrivains Brésiliens à Paris* que reúne textos de professores e jovens escritores.

**Diego Mendes Sousa** lançou o livro de poemas *O escrevente do chão* pela Editora Litteralux.

A Academia Paranaense de Letras elegera nova diretoria, para o biênio 2026 – 2027, que será presidida por Ernani Buchmann. A solenidade de posse da nova diretoria será realizada no dia 27 de novembro, a partir das 19 horas, no auditório da Fecomércio PR, na rua Visconde do Rio Branco 931, em Curitiba (PR).

A Academia de Letras de Campos do Jordão realizou sessão ordinária no dia 25 de outubro, no Museu Casa da Xilogravura, Av. Eduardo Moreira da Cruz, 295, Jaguaribe, Campos do Jordão (SP). Foram proferidas as palestras “Centenário de Arakaki Masakazu” pelo acadêmico Benilson Toniolo, “O Amigo e Mestre Arakaki” por Carlos Gouvêa. A sessão também abrigou a apresentação do violonista Adailson Araújo.

**Poemeto de Manchetes em Versos**, de Rosani Abou Adal, foi publicado em espanhol na revista digital Literarte da Argentina em [revistaliterartedigital.blogspot.com/2025/10/rosani-abou-adal-brasil.html](http://revistaliterartedigital.blogspot.com/2025/10/rosani-abou-adal-brasil.html).

**Wilson Luques Costa**, escritor e colaborador do jornal *Linguagem Viva*, terá os opúsculos, publicados em plataforma digital, *A cidade e o falso viajante inglês*, *O metafísico entre hibiscos, orquídeas, tulipas e begônias* e *Memórias esparsas do calígrafo meu pai*, lidos no Curso Virtual de Língua Portuguesa ministrado pela professora Rosimeire Silvano para os seus alunos da Guatemala.

**Gabriel Kwak**, jornalista e membro da Academia de Letras de Campos do Jordão lançará *Esther, pioneiríssima: Esther de Figueiredo Ferraz, a primeira mulher a assumir um Ministério no Brasil*, pela Editora OLPB, lança no dia 12 de novembro, quarta-feira, às 17 horas, na Faculdade de Direito da USP, Largo São Francisco, 95, em São Paulo.

**Ignácio de Loyola Brandão**, Milton Hatoum, Ana Maria Machado e Conceição Evaristo, membros da Academia Brasileira de Letras, foram homenageados pelo 5º Festival Literário Internacional de Itabira. O festival celebrou os 80 anos do livro “A Rosa do Povo”, de Carlos Drummond de Andrade.

**Tachion Editora**, de Campos do Jordão (SP), criada em 2014, volta sua atenção para a recente produção literária brasileira e oferece assessoria técnica a autores interessados em publicar por meio da PNAB – Política Nacional Aldir Blanc. Interessados poderão entrar em contato com Benilson Toniolo pelo whatsapp (12) 99171-3102.

**Benilson Toniolo** foi laureado com o Prêmio Nelson Pesciotta de Jornalismo 2025 do Instituto de Estudos Valeparaibanos, na categoria Jornalismo Histórico, com a série *História dos Prefeitos de Campos do Jordão*, publicada no ano de 2024 no jornal *A Tribuna de Campos do Jordão*. A solenidade de premiação será realizada no dia 6 de dezembro, às 16 horas, na Universidade Salesianos, Rua Dom Bosco, 284, em Lorena (SP).

**Luiz Otávio Oliani** lançará *A Reinvenção da Metáfora: as bordas de Rogério Salgado*, pela Ventura Editora, no dia 28 de novembro, sexta-feira, das 18 às 22 horas, na Coffeebreak Cafeteria, Av. Henrique Valadares, 17A, no Rio de Janeiro.

**Ana Paula Tavares, poeta e historiadora angolana**, foi laureada com o Prêmio Camões 2025. Ela receberá a importância de 100 mil euros que serão concedidos pela Fundação Biblioteca Nacional e pelo Governo de Portugal.

**László Krasznahorkai**, escritor húngaro, foi agraciado com o Prêmio Nobel de Literatura 2025. Autor do romance *Sátántangó*, com tradução de Paulo Schiller, entre outras importantes obras.

**Sérgio Ramalho**, jornalista e escritor, foi agraciado com o 47º Prêmio Jornalístico Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos, na categoria livro-reportagem, com *Decaído – A história do capitão do Bope Adriano da Nóbrega e suas ligações com a máfia do jogo, milícia e o clã Bolsonaro*.

**A Serpente, última peça criada por Nelson Rodrigues** (1912 – 1980) escrita em 1978, de apenas um ato, foi lançada pela Editora Nova Fronteira.

**Val Mello** lança o livro de poemas *A Sombra dos Carcarás*, pela Ventura Editora, no dia 11 de novembro, terça, às 18 horas, na Coffeebreak Cafeteria, Av. Henrique Valadares, 17A, no Rio de Janeiro.

O 2º Prêmio Candango de Literatura agraciou o romance *Sorriso sorvente de cerejeira* de Giovanna Ramundo, na categoria Melhor Romance; Na categoria Prêmio Brasília, o romance *Nada lá fora e aqui dentro* de Juliana Monteiro.

**Gonzalo Celorio**, escritor, ensaísta e cronista mexicano, foi agraciado com Prêmio Cervantes 2025 que é promovido pelo Ministério da Cultura da Espanha.